



# FILOSOFIA DA RELIGIÃO: ESTOICISMO ROMANO E O PENSAMENTO CRISTÃO DOS PRIMEIROS SÉCULOS

## PHILOSOPHY OF THE RELIGION: ROMAN STOICISM AND THE CHRISTIAN THOUGHT OF THE FIRST CENTURIES

**Edson Pereira Lopes**

Doutor em Ciências da Religião. Diretor da Escola Superior de Teologia e docente do Programa de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E-mail: [enttlopes@gmail.com](mailto:enttlopes@gmail.com)

---

## RESUMO

No estudo do cristianismo primitivo, é comum atentar para o princípio de que este foi influenciado pela Filosofia Clássica. Por essa razão, há inúmeras referências a Platão e Aristóteles. Todavia, pouco se reflete acerca da importância da filosofia helênica no pensamento cristão primitivo. Este artigo, com base na filosofia helênica, tem como objetivo identificar pontos de aproximação entre o estoicismo romano e o cristianismo dos primeiros séculos.

---

## PALAVRAS-CHAVE

Estoicismo romano; Pensamento; Influência; Cristianismo, Primeiros séculos.

---

## ABSTRACT

In the study of the primitive Christianity it is common to attempt against stops the beginning of that this was influenced by the Classic Philosophy. For this reason there are innumerable references the Plato and the Aristotle. However, little is reflected concerning the importance of the Greek philosophy in the primitive Christian thought. This article, from the Greek philosophy, has as objective to identify to points of approach between the Roman stoicism and the Christianity of the first centuries.

Roman stoicism; Thought; Influence; Christianity; First centuries.

## 1. INTRODUÇÃO

---

Na compreensão do pensamento cristão primitivo, percebe-se a presença da filosofia helênica, na sociedade em que viveram os primeiros cristãos. Prova disso é que duas escolas, dos estoicos e epicureus, aparecerem no texto bíblico de Atos capítulo 17, versículo 18, quando Paulo prega no Areópago, na cidade de Atenas. Isso foi resultado de que essa filosofia contribuiu para a formação do período denominado greco-romano, no qual imperadores e alguns dos mais eminentes pensadores romanos foram influenciados, em suas crenças e ideias, por escolas filosóficas que surgiram nesse período.

Entretanto, para alguns, a filosofia helênica, por não apresentar originalidade, pouco contribuiu para a sociedade daqueles dias. Talvez isso explique a razão pela qual esse período é pouco estudado. Com foco na história da Igreja, poucos são os pesquisadores que atentam para o princípio de que o cristianismo, dadas as devidas proporções, surgiu no período greco-romano, e, portanto, os primeiros cristãos podem ter sido influenciados por ideias helênicas, sobretudo pelo estoicismo romano.

Com base nessa perspectiva, vale ressaltar as considerações feitas por Tillich (2000, p. 26) ao comentar a relevância da filosofia helênica para o pensamento cristão: “O cristianismo primitivo não foi influenciado tanto pela filosofia clássica, mas pelo pensamento helênico [...] acha-se fonte imediata de boa parte do pensamento cristão”<sup>1</sup>.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo identificar pontos de aproximação entre o estoicismo romano e o cristianismo dos primeiros séculos. Para tanto, é necessário iniciar tratando dos principais pensamentos filosóficos do período helênico; em seguida, delimitar ao estoicismo romano;

---

<sup>1</sup> Para conhecimento da Filosofia Clássica, ver Lopes (2010, p. 15-32).

e, por fim, pontuar os pontos de aproximação entre o estoicismo romano e o cristianismo dos primeiros séculos.

## 2. OS PRINCIPAIS PENSAMENTOS FILOSÓFICOS DO PERÍODO HELÊNICO

No século IV a.C., Alexandre, o Grande, e suas hostes macedônicas conquistam o mundo até então conhecido (Macabeus 1:1-6). Gonzales (1989, p. 16) afirma que Alexandre não só teve preocupação com as conquistas, mas também a de unir a humanidade sob uma mesma civilização de “tonalidade marcadamente grega”. O resultado disso foi o helenismo, o qual tendia a combinar elementos culturais puramente gregos com outros tomados das diversas civilizações conquistadas (CHAMPLIN, s. d., p. 134).

Um dos princípios positivos para a civilização da época e que colaborou para a expansão do cristianismo foi a universalização do dialeto grego. Todavia, na questão da religião, estava o ponto nevrálgico do helenismo, em razão do princípio de que o helenismo propiciava o sincretismo religioso que consistia na mistura indiscriminada das religiões (GONZALES, 1989, p. 25). É nesse contexto que há inúmeros conflitos dos judeus, entre eles os macabeus (167-63 a.C.)<sup>2</sup>, que buscavam independência política e religiosa com a perspectiva de permanecerem fiéis às suas crenças, contra o sincretismo daqueles dias (Macabeus 1:7-10).

Após doze anos de reinado, Alexandre, o Grande, morreu em junho de 323 a.C. A dinastia dos Ptolomeus, fundada por um dos generais de Alexandre, apoderou-se do Egito, enquanto os selêucidas se tornaram donos da Síria (LOPES, 2010, p. 42). A pedido de Ptolomeu Filadelfo, os judeus da diáspora fizeram a tradução do hebraico para o grego, conhecida como Septuaginta (LXX)<sup>3</sup>, tendo em vista que muitos judeus já não sabiam o hebraico, e os novos centros culturais

---

<sup>2</sup> Para aprofundar o conhecimento, ler Macabeus (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2008, p. 719-763).

<sup>3</sup> Lopes (2010, p. 43) assinala que essa tradução levou o nome de Septuaginta porque, segundo a tradição, ela foi completada em setenta anos, por 72 tradutores judeus da Palestina.

como Pérgamo, Rodes e, sobretudo, Alexandria, após a fundação da Biblioteca e do Museu, graças aos ptolomeus, ofuscaram a cidade de Atenas (ANTISERI, 1990, p. 230).

Na busca por conhecimento que satisfizesse os anseios relativos à felicidade, problemas morais, novos conhecimentos intelectuais e os problemas da vida em geral, surgiram, no período helênico, como resposta aos tais anseios, os cínicos, a escola dos estoicos, os epicuristas, entre outros.

Com relação aos cínicos, seu fundador do cinismo foi Antístenes (445-365 a.C.), discípulo de Sócrates. Entretanto, Diógenes de Sínope (413-323/325 a.C.) foi seu principal expoente. Diógenes caminhava pelas ruas com uma lanterna acesa em pleno dia e nos lugares mais cheios dizendo sua célebre frase: “Procuro o homem”. Antiseri (1990, p. 231) interpreta tal sentença como a busca de um homem que vivesse sua mais autêntica essência e que sabia ser feliz, e, para alcançar tal estado, deveria ter uma vida simples e não ceder aos prazeres que, segundo ele, tornam o homem escravo e infeliz. Está explicitado, portanto, que o foco dos cínicos era a felicidade como fruto do interior do homem e o desapego aos bens materiais.

Com preocupação semelhante, ressalta-se Epicuro, que, conforme Marshall (1988, p. 267), nasceu em Samos 341 a.C. e faleceu em 270 a.C. Fundou sua escola num prédio com um jardim, no subúrbio de Atenas. O jardim estava longe do tumulto da vida pública e próximo do silêncio do campo, daí o nome dos seus membros: “filósofos do jardim”.

Segundo Antiseri (1990, p. 237), os princípios fundamentais da filosofia dos “filósofos do jardim” consistiam em: a) a realidade é perfeitamente penetrável e cognoscível pela inteligência do homem; b) na realidade existe espaço para a felicidade do homem; c) para atingir essa felicidade e essa paz, o homem só precisa de si mesmo; d) não necessita da cidade, das instituições, das riquezas, nem dos deuses.

Na *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*, de Epicuro (2002, p. 20-51), percebe-se que a proposta de prazer na busca da felicidade não colabora para a crença atual de que ele teria ensinado o desejo desenfreado pelo prazer. Por não interpretarem de forma adequada sua proposta, não são raros os casos em que o epicurismo é confundido com as ideias do hedonismo (EPICURO, 2002, p. 43). Epicuro (2002, p. 43, 44) ensinou

que o verdadeiro prazer vem a ser a “ausência de dor no corpo e a falta de perturbação da alma”.

Analisado em seu contexto, para homens atormentados pela angústia do viver, Epicuro indicava um novo caminho para o reencontro da felicidade e apregoava, igualmente a Diógenes, que a felicidade possuía sua origem no interior do homem. Para ele, na concepção de Antiseri (1990, p. 250), “o verdadeiro bem é a vida [...] todo o resto é vaidade”.

Contemporâneo de Epicuro e influenciado pela ideias do cinismo, destaca-se Zenão de Cítio, nascido em Chipre, colônia fenícia, por volta dos anos 336-264 (SANSON, 1988, p. 13), fundador daquela que se tornaria a mais famosa escola do período helênico. Como não podia adquirir um prédio em Atenas por não ser considerado cidadão ateniense, Zenão ministrava aulas num pórtico, cuja palavra em grego é *stoá*, daí a sua escola ser conhecida como Estoá, que, de maneira básica, apregoava a bondade e a paz de espírito que resultavam na felicidade.

Essa escola é assim dividida por Burke (1990, p. 82-83):

- *Estoá Primitiva*: cujo líder sistematizador foi Crisipo de Soli (280-207 a.C.).
- *Estoá Média*: a qual continuou a principal tradição estoica durante os últimos séculos antes de Cristo, com introdução de alguns elementos platônicos.
- *Estoá Posterior*: cuja figura central será Panécio de Rodes (185-110 a.C.), que expandiu os ensinamentos estoicos à vida pública. É nesse período que aparecem os importantes estoicos romanos ou neoestoicismo (SANSON, 1988, p. 26): Sêneca (4 a.C.-65 d.C.), Epicteto (55 a.C.-135 d.C.) e Marco Aurélio (121-180 d.C.), que serão tratados a seguir neste artigo.

### 3. PRINCIPAIS EXPOENTES DO ESTOICISMO ROMANO

---

Sanson (1988, p. 8) sublinha que o estoicismo romano floresceu juntamente com o cristianismo e que, por suas

cosmovisões de mundo serem aproximadas, já se indagou se o estoicismo influenciou o cristianismo ou estoicismo romano, já que a Escola de Estoá Posterior é fruto do cristianismo.

O estoicismo floresceu em Roma, de maneira que ele foi a “filosofia que teve maior número de seguidores e admiradores em Roma, tanto no período republicano como no imperial” (ANTISERI, 1990, p. 305). Houve algumas razões para que isso ocorresse na concepção de Antiseri (1990, p. 306):

- o interesse pelos problemas espiritualistas romanos;
- os laços com o Estado, com foco na busca da perfeição no interior do indivíduo;
- o forte sentimento religioso da fraternidade universal, o perdão, o amor ao próximo e o amor aos inimigos.

Ullmann (1996a, p. 63) ainda afirma que o epicurismo e o estoicismo tiveram maior aceitação por parte dos romanos do que a Academia e o Liceu, porque proporcionavam às almas conturbadas da época, por causa da superstição, do medo da morte e do castigo no Hades, uma orientação espiritual prática e serenamente pautada na lei natural.

Depois dessas explicações, é relevante destacar os principais expoentes do estoicismo romano.

### 3.1. LÚCIO ÂNEO SÊNECA

---

Tais pressupostos podem ser vistos em Lúcio Âneo Sêneca (4-65 d.C.). Natural de Córdoba, na Espanha, onde seu pai foi professor de retórica, educou-se em Roma, onde se distinguiu por seu caráter e inteligência, o que levou o imperador Cláudio a convidá-lo para desempenhar vários cargos públicos de grande relevo. Sêneca sempre deixou clara sua opção estoica (SÊNECA, 1973b, p. 208).

Nota-se que Sêneca, por ser adepto da Estoá Posterior, demonstra certos princípios diferentes da Estoá Primitiva. Para ele, Deus é a Providência imanente, é a razão intrínseca que plasma a matéria, é a natureza, é o destino. “Entretanto, lá onde a reflexão de Sêneca é mais original [...] o seu Deus assume traços espirituais e até pessoais, que ultrapassam os marcos

da ontologia estoica” (ANTISERI, 1990, p. 307). É o que também acentua Ullmann (1996a, p. 19): “Em *De providentia*, encontramos um passo no qual o filósofo cordovês dá a entender que Deus é criador de todas as coisas. Se criador de todas as coisas, a alma não estaria excluída [...]”.

Algo semelhante pode ser visto em sua compreensão da alma. Sêneca (1973a, p. 199) destaca o dualismo entre alma e corpo, aproximando-se mais de Platão do que dos estoicos tradicionais. Para Sêneca (1973a, p. 199), “o corpo é peso, é vínculo, é cadeia, é prisão da alma; a alma é o verdadeiro homem, que tende a libertar-se do corpo para alcançar a sua pureza”. Infere-se dessas palavras que ele vai além do materialismo estoico. Talvez pela influência estoica, conforme Ullmann (1996a, p. 22-23), é que, nos tempos apostólicos, o celibato era tido em maior conta do que o matrimônio, uma vez que as questões sexuais eram compreendidas pelos estoicos como desejos a serem reprimidos.

Outro princípio que diferencia Sêneca da antiga Estoá e o aproxima do cristianismo é o sentimento do pecado e da culpa, isto é, de que cada homem está maculado. Segundo Antiseri (1990, p. 307), o homem para Sêneca é estruturalmente pecador. Por causa dessa concepção, ele acentuava a questão da fraternidade e do amor da seguinte maneira: “comporta-te com os inferiores como gostarias que se comportassem contigo os que te são superiores [...] a natureza nos produz como irmãos” (ANTISERI, 1990, p. 308).

---

## 3.2. MARCO AURÉLIO

Marco Aurélio é outro estoico romano a ser destacado nesta reflexão, e as razões serão elucidadas nos comentários a seguir. Durant (1971, p. 332) demonstra o prestígio e a importância de Marco Aurélio ao afirmar que para os romanos “a raça humana foi mais feliz, sem hesitação do período que vai de Nerva à morte de Marco Aurélio”.

Marco Ânio Vero nasceu em Roma, no mês de abril, em 121 d.C., e morreu em 180 d.C. Os Ânios tinham vindo um século antes de Sucubo, perto de Córdoba, e receberam o cognome de Vero (*Verdadeiro*) por causa dos seus honestos com-

portamentos (AURÉLIO, 1973, p. 273). Após a morte do seu pai Annius Verus, que o deixara com três meses de idade, passou a ser chamado de Marcus Annius Verus e, quando adotado por Antonino, tornou-se Marcus Aelius Aurelius Verus e, mais tarde, ao se tornar imperador, passaria a se chamar Marcus Aurelius Antonius (ULLMANN, 1996a, p. 78).

A mãe de Marco Aurélio se chamava Domícia Lucila e era culta. Não enviou seu filho para a escola pública (AURÉLIO, 1973, p. 273), mas proporcionou-lhe uma educação com os 17 melhores professores da época, sendo assim distribuídos: quatro gramáticos, quatro mestres de retórica, um jurista e oito filósofos, cuja preocupação consistia em preparar sua mente e seu caráter (DURANT, 1971, p. 333). Segundo Ullmann (1996a, p. 79), o mais famoso desses professores foi o estoico Cornélio Frontão, o mestre de retórica, a quem Marco Aurélio se devotava como discípulo (AURÉLIO, 1973, p. 273).

Marco Aurélio passou a se dedicar à filosofia por influência de Júnio Rústico, de quem afirma: “a compreensão de que devia corrigir e cultivar o meu caráter” (AURÉLIO, 1973, p. 273) e quem o fizera “conhecer os comentários de Epicteto” (AURÉLIO, 1973, p. 273); Apolônio de Calcedônia, a quem devia o orientar-se apenas pela razão; “o não me alterar nos sofrimentos agudos” (AURÉLIO, 1973, p. 274); e Sextus de Queroneia, de quem aprendeu: “a boa harmonia com todos” (AURÉLIO, 1973, p. 274). Diante do exposto, percebe-se que Marco Aurélio adotou os ensinamentos estoicos, ainda que Frontão, apesar de estoico, tivesse a intenção de afastá-lo da filosofia e encaminhá-lo à retórica (DURANT, 1971, p. 333).

Após a morte do imperador Adriano, Antonino foi seu sucessor, e este, por não ter filhos e a pedido de Adriano, fez de Marco Aurélio seu único e digno sucessor na direção do império. Por isso, Marco Aurélio teve que se mudar para a residência no Monte Palatino. Até a morte de Antonino em 161, Aurélio dividia o tempo com a família e os negócios do Estado, que o imperador aos poucos lhe delegava. Entretanto, aos 40 anos se tornou imperador. Como imperador, Aurélio enfrentou grandes problemas, os quais são detalhados por Ullmann (1996a, p. 81-85). Neste artigo, destacam-se apenas

os seguintes fatos: Aurélio morreu aos 58 anos de idade, no dia 9 de abril de 180 d.C., e Cômodo, seu filho, imperou em seu lugar<sup>4</sup>.

Nesse contexto, é mister a síntese das principais concepções éticas que levaram Marco Aurélio a ser amado pelos romanos, as quais demonstram seus pressupostos estoicos e o aproximam do cristianismo primitivo:

- *Como se deve tratar o corpo*: como estoico, sua tônica recai na razão, no sentido de que o corpo não deve ser desprezado, todavia deve estar sob o constante domínio do espírito (AURÉLIO, 1973, p. 326).
- *Vida*: deve-se viver intensamente “cada dia como se fosse o último” (AURÉLIO, 1973, p. 304).
- *Ter compaixão pelo próximo*: Marco Aurélio (1973, p. 301) afirma: “Ama o gênero humano [...]. É próprio do homem amar até os que o magoam”.
- *Virtude*: para Marco Aurélio (1973, p. 307), “virtude é praticar ações justas e ser homem de bem”. Ullmann (1996a, p. 105), ao comentar a concepção de virtude de Marco Aurélio, afirma que ela se reveste dos seguintes princípios: 1. prudência – conhecimento do que se deve ou não fazer; 2. temperança – conhecimento do que se deve ou não eleger; 3. justiça – virtude distributiva do que convém a cada um; 4. fortaleza – conhecimento do que se deve e não temer. “Mas, não se trata apenas do conhecimento. A virtude somente existe, se praticada” (ULLMANN, 1996a, p. 105).

Ullmann (1996a, p. 105) ainda afirma que, segundo Marco Aurélio, a prudência pode ser perdida no vício, e, para fugir deste, são necessários: o ócio (recolher-te em si mesmo), a pobreza e a meditação da morte.

Isso posto, na continuação do artigo, é importante identificar os pontos de aproximação entre o estoicismo romano e o pensamento cristão primitivo.

---

<sup>4</sup> O filme *Gladiador*, dirigido por Ridley Scott e exibido nos cinemas em 2000, deixa claro quão amado era Marco Aurélio pelo general Maximus.

## 4. APROXIMAÇÕES ENTRE O ESTOICISMO ROMANO E O PENSAMENTO CRISTÃO PRIMITIVO

---

Com relação ao cristianismo, Burke (1990, p. 83), ao comentar a influência estoica nos teólogos cristãos, assinala: “é provavelmente verdade, também, que os cristãos tenham derivado dos estoicos parte da terminologia da sua teologia do Logos”. A dificuldade com essa afirmação é que o citado autor não prossegue em seu argumento, mas revela que Minúcio Félix e Tertuliano foram os mais dependentes da Estoá, com as devidas proporções de que os cristãos tinham opiniões diferentes dos estoicos com relação ao suicídio, ao fatalismo e à crença na imanência divina total.

Por não prosseguir em seu argumento, não se pode chegar ao cerne do que teria em comum a terminologia do “logos” na concepção do estoicismo com o pensamento dos primeiros cristãos.

Ullmann (1996b, p. 17-20), ao se referir à influência dos estoicos no pensamento dos primeiros cristãos, pontua: “o mestre do Jardim não excluía ninguém do acesso às suas comunidades. Homens, mulheres, velhos, moços, crianças e até escravos eram partícipes delas”.

A tônica de Ullmann recai no princípio de que a mulher era aceita naturalmente na comunidade estoica, o que lhe permite afirmar: “De fato, muitas vezes, atribuem-se, apressadamente, ao cristianismo práticas que, no entanto, já estavam em uso entre os gregos e os romanos, séculos antes” (ULLMANN, 1996b, p. 19). Exemplo disso era a acolhida de todas as classes sociais numa comunidade, e, entre essas classes sociais, a presença feminina era marcante. Por conseguinte, antes do cristianismo, o estoicismo procurou resgatar a importância da mulher na sociedade, eis uma aproximação entre o estoicismo romano e o cristianismo.

Mais relevante ainda é considerar os estudos de Sanson (1988, p. 51-72) e Ullmann (1996a, p. 122-125), os quais apontam as semelhanças entre o neoestoicismo e o cristianismo. Ullmann cita afirmações de Epiteto, Sêneca e Marco

Aurélio e, depois, as compara com textos bíblicos do Novo Testamento. Segundo o referido autor, há profundas semelhanças nos princípios teológicos do estoicismo romano com o cristianismo, como: natureza de Deus; Deus é visto como criador de todas as coisas; a doutrina na providência; na relação de Deus com os homens, os quais são tratados como “filhos de Deus”; enquanto corpo social em que Sêneca afirma: “Somos membros de um grande corpo”, e Paulo diz: “Fostes chamados num único corpo”. E, conforme Ullmann (1996b, p. 19), assim como os cristãos, os estoicos se referiam uns aos outros como “irmãos” ou “amigos” em suas comunidades.

Além disso, deve-se ter em mente que Clemente de Alexandria e Tertuliano eram admiradores de Sêneca. Há de se lembrar que Tertuliano desprezava os filósofos pagãos, mas fazia exceção a Sêneca (ULLMANN, 1996a, p. 63). É o mesmo Ullmann (1996a, p. 63-66) quem afirma que Santo Ambrósio (340-397), ao se referir a Sêneca, diz: “toda verdade, seja dita por quem, for, dimana do Espírito Santo”. Mais tarde, quando Santo Agostinho discute a norma de moralidade ou participação da lei eterna, veem-se ecos da influência estoica para a qual havia a doutrina da lei natural impressa na consciência.

É necessário ressaltar, por fim, como se dava a iniciação à doutrina estoica. Ullmann (1996b, p. 19) afirma que Epicuro fazia verdadeira doutrinação catequética ou treinamento para os multiplicadores de sua doutrina, o qual em grego é *askeuázein* e é traduzido por Moulton (1979, p. 56) por “fazer o melhor depois de treinado”. Os iniciados eram denominados *kataskeuazómēnoi*, daí um legado de Epicuro para o cristianismo que criou um termo quase idêntico: catecúmeno, com referência à instrução religiosa.

---

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está explicitada a relevância da filosofia helênica, sobretudo nos pressupostos da Escola Estoá Posterior. Há muito que pesquisar nessa área, entretanto este artigo alcançou seu objetivo, pois conseguiu identificar alguns pontos convergentes entre o estoicismo romano e o cristianismo, sobre-

tudo nas crenças em que Deus é visto como criador de todas as coisas; na relação de Deus com os homens, os quais são tratados como filhos de Deus; na questão da relação social, à semelhança do que ensinava Sêneca, de que somos membros de um grande corpo, e do que o apóstolo Paulo igualmente sublinha quando afirma que os cristãos foram chamados num único corpo. E, por fim, assim como os cristãos, os estoicos se tratavam como “irmãos” ou “amigos” em suas comunidades.

## REFERÊNCIAS

---

ANTISERI, D. *História da filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990. 3 v.

AURÉLIO, M. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BURKE, G. T. Estoicismo. In: ELWELL, W. *Enciclopédia histórico-teológica*. São Paulo: Vida Nova, 1990. v. 2.

BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado*. São Paulo: A Voz Bíblica, [s. d.]. v. 1.

DURANT, W. *História da civilização romana e do cristianismo até o ano 325*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1971. v. 3.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

GONZALES, J. *Uma história do Cristianismo ilustrado*. São Paulo: Vida Nova, 1989. v. 1.

LOPES, E. P. *Fundamentos da teologia da educação cristã*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

MARSHALL, I. H. *Atos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1988.

MOULTON, H. K. *The analyticak greek lexicon revised*. Michigan: Zondervan, 1979.

SANSON, V. F. *Estoicismo e cristianismo*. Caxias do Sul: Educ, 1988.

SÊNECA, L. A. *Consolação a minha mãe Hêlvia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973a.

\_\_\_\_\_. *Da tranqüilidade da alma*. São Paulo: Abril Cultural, 1973b.

TILLICH, P. *História do pensamento cristão*. São Paulo: ASTE, 2000.

ULLMANN, R. A. *O estoicismo romano: Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996a.

\_\_\_\_\_. *Epicuro: o filósofo da alegria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996b.